

# PERCEPÇÕES DE GÊNERO DAS DOCENTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA DO INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Sebastiana Estefana Torres Brilhante <sup>1</sup>  
Ilane Ferreira Cavalcante <sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho apresenta recorte da investigação realizada com as docentes que atuam no Curso de Licenciatura em Química, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) sobre suas percepções acerca das relações de gênero no ambiente de trabalho. A metodologia utilizada foi de caráter e abordagem qualitativos, com base em entrevista como estratégia de coleta de dados que foram analisados, por meio da Análise Textual Discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galiazzi (2007, 2016). Depreendemos que as professoras entrevistadas já passaram por alguma situação em que sofreram discriminação ou preconceito de gênero pelos pares, alunos ou superiores. Constatamos ainda que, conforme a percepção das entrevistadas, são poucas as mulheres que possuem cargos de alta hierarquia no IFRN. Concluímos esse trabalho apontando a urgente necessidade de uma educação e formação pautadas na equidade entre os gêneros não só na área de Química, foco desta pesquisa, mas em todas as áreas.

**Palavras-chave:** Relações de gênero. Formação de Professoras em Química. Educação Profissional.

## INTRODUÇÃO

[...] os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap*.” (BEAUVOIR, 1970, p. 14).

Início este texto citando as palavras de Simone de Beauvoir retiradas do primeiro capítulo, Fatos e Mitos, do livro *Segundo Sexo* (1970). A autora alerta para o fato de que deveríamos estar atentos ao fato de que as diferenças biológicas e fisiológicas deveriam ser tidas como uma complementação dos seres, não como forma de submissão de um sexo ao outro. Beauvoir (1970, p. 13) acrescenta que “[...] a divisão dos sexos é, com efeito, um dado biológico e não um momento da história humana.”

O conceito de gênero, no entanto, amplia a perspectiva da visão dicotômica entre os sexos e ganha uma amplitude e uma complexidade ao longo do tempo, como Judith Butler elucidada: “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado;” (BUTLER, 2013, p. 25) posto que, como a filósofa americana afirma, “O gênero são significados

<sup>1</sup> Mestra em Educação pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, [estefana\\_torres@hotmail.com](mailto:estefana_torres@hotmail.com);

<sup>2</sup> Docente do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN, [ilanecfc@gmail.com](mailto:ilanecfc@gmail.com);

assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira.” (BUTLER, 2013, p. 24).

As desigualdades de gênero são embrionadas em todas as instâncias da vida social, seja ela pública ou privada. Portanto, não se deseja, nesse caso, utilizar esse termo simplesmente a partir do aspecto biológico, cujas desigualdades entre os sexos se dão por meio da análise de enfoques naturalistas, que levaram a acreditar, durante muitos anos, que a mulher deveria ser subordinada ao homem baseando-se apenas nas estruturas biológicas de cada indivíduo e a partir de parâmetros masculinos de análise. (ALMEIDA, 1998). Essa reflexão é ponto de partida para nossa investigação.

Este trabalho é fruto da investigação realizada com todas as docentes que atuam nas disciplinas do Eixo Específico no Curso de Licenciatura em Química, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) sobre suas percepções acerca das relações de gênero<sup>3</sup>. Para isso, foi realizada uma pesquisa no Sistema Unificado de Administração Pública (SUAP) e, a partir dos dados extraídos, em abril de 2018, foi constatado que a instituição possui 80 professores de Química, dos quais 60 são do sexo masculino e apenas 20 do sexo feminino, sendo que apenas cinco dessas mulheres atuam como docentes no Curso de Licenciatura em Química, assim, delimitamos as participantes da pesquisa a partir desses que se refere ao perfil profissional e pessoal, delimitamos o grupo das professoras do núcleo específico, com formação na área de Química, atuantes no curso de Licenciatura em Química do IFRN e investigamos sua percepção das relações de gênero dentro de seu ambiente de trabalho.

Para compreender o universo da pesquisa, isto é, o contexto em que se inserem as entrevistadas e discutir as questões ligadas à temática da pesquisa, este trabalho foi dividido em duas seções, escolhidas a partir da categorização principal das análises dos textos transcritos, que foram: identificação e histórico pessoal das participantes; vivências das relações de gênero. Foi fundamental iniciarmos pela análise do perfil e sua escolha pelo magistério para, em seguida, questioná-las acerca de suas memórias e vivências das relações de gênero dentro do ambiente de trabalho com seus pares, superiores e alunos.

## **OS PERCURSOS DA PESQUISA - METODOLOGIA**

A partir dos dados extraídos do SUAP, em abril de 2018, constatamos que a instituição possui 80 professores de Química, 60 do sexo masculino e apenas 20 do sexo feminino, sendo

---

<sup>3</sup> Essa pesquisa é recorte da dissertação de mestrado intitulada AS PERCEPÇÕES DE GÊNERO DAS DOCENTES NO CURSO DE LICENCIATURA EM QUÍMICA DO INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, defendida em dezembro de 2018 no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional (PPGEP) do IFRN.

que apenas 5 dessas mulheres atuam como docentes no Curso de Licenciatura em Química, como afirmamos anteriormente. O Curso de Licenciatura em Química é ofertado em quatro campi do IFRN: Apodi, Currais Novos, Ipangaçu e Pau dos Ferros, sendo que apenas três dos quatro *campi* apresentaram docentes do sexo feminino atuando nas disciplinas de química no Curso Superior, posto que um dos *campus* apresentou apenas professores do sexo masculino atuando nas disciplinas de Química na Licenciatura em Química.

A fim de compor o corpus deste trabalho, optou-se pela realização de entrevistas semiestruturadas com as cinco docentes que atuam no corpo docente da área específica do Curso de Licenciatura em Química do IFRN. Com o objetivo de analisar suas percepções acerca de suas trajetórias e experiências acadêmicas, buscando, a vivência dessas professoras na instituição de ensino em que atuam. Os dados qualitativos coletados foram trabalhados, por meio da Análise Textual Discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galiazzi (2007, 2016). A entrevista contou com três fases, a primeira foi a elaboração das perguntas, seguida das entrevistas e por último, a transcrição das falas das professoras entrevistadas, para assim, fazermos a análise do material.

A elaboração das perguntas foi guiada a partir de Yin (2016), dividindo o roteiro de entrevista em três eixos: Eixo 1: Identificar o perfil e o histórico acadêmico e profissional das entrevistadas; Eixo 2: refletir sobre a vivência das relações de gênero no ambiente de trabalho. Com o roteiro finalizado, iniciamos as entrevistas com as professoras.

As entrevistas ocorreram entre os meses de julho e meados de agosto de 2018. O primeiro contato com as entrevistadas foi via e-mail e, em seguida, via aplicativo de mensagens, quando foi marcado o melhor dia, horário e local adequado para a realização das entrevistas. Ao iniciar, sempre agradecíamos a colaboração e explicávamos quais os objetivos e finalidades da pesquisa para as entrevistadas, e logo pedíamos a autorização para fazer a gravação, garantindo o sigilo dos dados e seu anonimato. Depois era apresentado o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que as entrevistadas liam e, com a concordância, assinavam.

Os *campi* onde essas docentes atuam não serão identificados especificamente, dessa forma, todos foram chamados apenas de IFRN, de forma a não identificar o *Campus* específico de cada participante, tendo em vista preservar a identidade das docentes por questão ética.

As entrevistadas, ao longo do texto, são identificadas por ordem de entrevista e seguindo a ordem e os símbolos dos elementos da Tabela Periódica, já que é uma das principais marcas da Química e por todas as entrevistadas terem formação nessa área. O Quadro 1 apresenta a identificação de cada uma das entrevistadas ao longo do texto.

Quadro 1 – Identificação das entrevistadas.

<b>Professoras/ Símbolo do elemento</b>	<b>Nome do elemento/Significado</b>
Professora H	Hidrogênio - primeiro elemento da Tabela Periódica.
Professora He	Hélio - segundo elemento da Tabela Periódica.
Professora Li	Lítio - terceiro elemento da Tabela Periódica.
Professora Be	Berílio - quarto elemento da Tabela Periódica.
Professora B	Boro - quinto elemento da Tabela Periódica

Fonte: Elaboração própria (2018).

As entrevistas foram seguidas pelo roteiro, com muito respeito e confiança, em um clima bastante agradável, e as participantes falavam de forma espontânea e explicativa. Todas as entrevistas foram gravadas com autorização prévia.

Após as entrevistas, iniciou-se o processo das transcrições das falas, momento de reflexão para perceber a importância dos aspectos similares e singulares dos discursos, uma vez que o conhecimento obtido pelas reflexões é alcançado segundo Minayo (2007, p. 21-22) “[...] com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Com as transcrições feitas, começou a reflexão e a análise dos dados. A partir da metodologia encaminhou-se para análise textual do discurso que, de acordo com Moraes (2003, p. 197),

[...] pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem de uma sequência recursiva de três componentes: desconstrução, a unitarização, o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização, e o captar do novo emergente em que nova compreensão é comunicada e validada.

No processo de análise são constituídas significações elaboradas no momento da unitarização que são decisivas na categorização e na comunicação a partir da reflexão dos discursos presente neles. (MORAES; GALIAZZO, 2007, 2016). Assim, passamos, no tópico seguinte à análise do discurso coletado a partir das categorias de análise que constituem o perfil das entrevistadas e suas vivências de relações de gênero.

## A PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS LICENCIATURA EM QUÍMICA DO IFRN ACERCA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor compreensão essa seção foi dividida em duas seções, a primeira onde trataremos do perfil profissional e a escolha do magisterio como profissão e o curso de Química e a segunda as vivências das relações de gênero no ambiente de trabalho.

### O PERFIL DAS PARTICIPANTES, A ESCOLHA DO MAGISTÉRIO COMO PROFISSÃO E O CURSO DE QUÍMICA.

Começamos nossa reflexão a partir do perfil acadêmico e como se deu a escolha pelo magistério como profissão entre as professoras entrevistadas. Vale ressaltar que todas as entrevistadas são do quadro efetivo do IFRN e são docentes formadoras do Eixo Específico no Curso de Licenciatura em Química, ou seja, são docentes que formam docentes. Elaboramos o Quadro 2 para melhor visualização do perfil profissional das entrevistadas.

Quadro 2 - Perfil Profissional das docentes entrevistadas

DADOS	Prof <sup>a</sup> H	Prof <sup>a</sup> He	Prof <sup>a</sup> Li	Prof <sup>a</sup> Be	Prof <sup>a</sup> B
<b>Idade</b>	35 anos	35 anos	31 anos	38 anos	37 anos
<b>Formação inicial</b>	Licenciatura em Química	Licenciatura em Química	Licenciatura em Química	Licenciatura e Bacharelado em Química	Licenciatura e Bacharelado em Química
<b>Formação continuada</b>	Mestrado e doutorado em Química Orgânica	Mestrado e doutorado em Química	Mestrado em Ensino de Química	Mestrado e doutorado em Química Inorgânica e Pós Doc em Eng. de Materiais	Mestrado e doutorado em Química
<b>Tempo de docência no IFRN</b>	6 anos	8 anos	5 anos	5 anos	3 anos
<b>Tempo de docência na Licenciatura em Química do IFRN</b>	6 anos	7 anos	3 anos	5 anos	3 anos
<b>Disciplinas lecionadas na Licenciatura</b>	Todas as disciplinas de	Química Geral I e II, Química Experimental	História da Química, Instrumentação para o	Química Inorgânica Descritiva, Química	Química Geral I e II, Química Inorgânica

a em Química	Química Orgânica	, Química Analítica Quantitativa e Qualitativa, Bioquímica, Metodologia do Ensino de Química II, Métodos Instrumentais de Caracterização de Compostos Orgânicos, Seminário de Orientação Pesquisa I e II.	Ensino de Química, Bioquímica, Físico-Química e Química Geral.	Inorgânica de Coordenação, Química Analítica Quantitativa e a Qualitativa, Química Experimental, Química Ambiental, Tecnologia em Produtos Sanitários e Química dos Biocombustíveis.	Descritiva e Química Inorgânica de Coordenação, Espectroscopia dos Compostos de Coordenação e Mineralogia.
--------------	------------------	---	--	--	--

Fonte: Elaboração própria em 2018 com base nos dados coletados.

A primeira entrevistada está identificada como Professora H. Ela tem 35 anos, sua graduação é Licenciatura em Química com mestrado e doutorado na área de Química Orgânica, a docente possui formação inicial e continuada na área de química. Está na instituição há seis anos e desde que ingressou no IFRN sempre lecionou no Curso de Licenciatura em Química, como explica,

Entrei aqui (IFRN) em 2012 em abril de 2012 [...] fui atuar direto na licenciatura assumindo todas as disciplinas de química orgânica então até hoje eu sou a única responsável pelas disciplinas de química orgânica da licenciatura tanto é que às vezes a carga horária é tão alta que eu não dou aula praticamente no técnico no integrado porque toda minha carga horária preencho com as disciplinas da licenciatura. (PROFESSORA H, 2018).

A Professora H, entrou na instituição para vaga da disciplina de atuação no Ensino Superior, como ela mesma afirma, é a única professora no campus que leciona todas as disciplinas de Química Orgânica.

Quando questionada sobre a escolha pelo curso de química, ela explica que foi o “acaso”, assim como o magistério como profissão, situação que ela explica,

[...] até que a química aconteceu e aí foi realmente o acaso nos estágios a gente paga o estágio eu achei também que não iria conseguir a primeira vez que entrei na sala de aula eu jurei que não ia entrar nunca mais que não ia voltar, porque foi desesperador mas eu atribui isso além da falta de experiência a falta de cuidado do orientador porque se você tem um orientador que acompanha que te ajudar, te prepara e tudo [...] o meu currículo da época ele era muito mais específico muito mais técnico a gente sai quase um bacharel eram poucas

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

as disciplinas do núcleo didático pedagógico então eu fiquei muito apavorada mas acabei que entrei no mestrado e ia dando algumas aulas ao acaso : e no acaso eu fui me encontrando onde eu me encontrei mesmo foi com um grupo de amigos e a gente juntou colegas de várias formações e a gente fez meio que um cursinho gratuito para pessoas de baixa renda e ali de fato eu me descobri e aí eu vi que dava, que eu podia, eu achava que não, eu acho que eu consigo ai pronto a partir daí eu já não pensei mais em outra profissão. (PROFESSORA H, 2018).

Ela admite, no entanto, que a escolha da docência como profissão e a química como curso não foi desde criança, pois quando estava no Ensino Médio desejava ser militar,

[...] mas nunca eu acho que ficou intrínseco porque isso eu tenho muito claro que durante o meu ensino médio é ... eu não tinha como potencial dizer eu quero ser professora eu não tinha eu achava que ia seguir outra profissão inclusive eu estudava em um colégio militar na verdade eu queria ser militar mas para ser militar existe concurso e na minha época concurso para militar mulher eram os mais difíceis então eu não consegui conciliar na época e não podia ficar esperando as coisas chegarem então eu fiz as coisas acontecerem de outras maneiras [...]. (PROFESSORA H, 2018).

A partir da fala da Professora H, percebe-se que sua escolha profissional sofreu forte influência de estereótipos sociais, pois de acordo com Lara et. al. (2017) antes dos anos 1990 o trabalho militar era “estereotipado como lugar de homens” (LARA et. al., 2017, p. 56). E Resende (2017, p. 89) acrescenta que devido “[...] a desqualificação da mulher em relação ao homem gerou uma enorme desigualdade no número de homens e mulheres em postos militares, além de uma série de dificuldades para mulheres interessadas em seguir a carreira militar.”. Assim, percebemos que muitas vezes as escolhas profissionais são feitas de forma involuntária, mas enraizada em estereótipos que permeiam a sociedade.

A Professora He também tem 35 anos e possui graduação em Licenciatura em Química, com mestrado e doutorado na área de Química. Há oito anos está no IFRN, mas só começou a lecionar no Curso de Licenciatura em Química depois de quase um ano, como específica,

[...] em abril de 2010 logo quando eu assumi eu não atuei no curso de licenciatura em química já existia um professor e era ele que atuava na época na realidade eu vim atuar na licenciatura em química acho que foi dois semestres depois eu só vim atuar em 2011 ... 2011 foi quando eu ministrei a disciplina de Química Geral II então de 2011 pra cá eu sempre venho atuando no curso de licenciatura em química. (2018).

Na experiência de docência no IFRN, a Professora He já lecionou na Licenciatura em Química, em disciplinas do Eixo Específico como: Química Geral I e II, Química Experimental, Química Analítica Quantitativa e Qualitativa, Bioquímica, Metodologia do Ensino de Química II e a disciplina optativa Métodos Instrumentais de Caracterização de Compostos Orgânicos, e

ministrou Seminário de Orientação Pesquisa I e II, disciplina, que constitui o currículo e articula a teoria e prática como complementação dos saberes e habilidades.

Em relação à escolha pelo magistério, a Professora He relata que a escolha veio quando participou de uma seletiva do seu Estado para atuar como professora no Ensino Médio e a confirmação da docência como profissão emergiu de uma experiência, ao ser professora substituta na Universidade. Segundo ela, com essa experiência percebeu que tinha maior vocação para ensinar a um público adulto “[...] então assim isso me fez despertar para o magistério principalmente do magistério superior em que eu me sentia é ... eu me sentia mais estimulada[...].” (PROFESSORA He, 2018).

A terceira entrevistada foi denominada de Professora Li, é a mais nova das entrevistadas, possui 31 anos, é Licenciada em Química tem Mestrado em Ensino de Ciências e faz Doutorado também em Ensino de Ciências. Entrou no IFRN há cinco anos, mas passou dois anos afastada. Desde que ingressou na instituição leciona no Curso de Licenciatura, como relata:

Dei aula no IF três anos depois de 3 anos eu saí para afastamento vão fazer 5 anos que estou na instituição e 3 anos são na Licenciatura em Química não teve um semestre sequer que eu não tenha trabalhado na licenciatura. (PROFESSORA Li, 2018).

Em relação às disciplinas que já lecionou, ela demonstra sempre interesse voltadas para o ensino, que é sua área de Mestrado e Doutorado, como: História da Química e Instrumentação para o Ensino de Química. Já lecionou Bioquímica, Físico-Química e Química Geral, mas apenas nos primeiros semestres, quando ingressou na instituição.

Ao ser questionada sobre a escolha pelo magistério, a Professora Li, inicialmente responde que não sabia, mas acredita que veio da sua infância, quando brincava de ensinar e sua mãe apoiou a ideia e o curso de Química porque gostava da matéria na época de escola.

A Professora Be tem 38 anos, Bacharelado e Licenciatura em Química, com Mestrado e Doutorado na área Química Inorgânica e fez um ano e meio do Pós-Doutorado na área de Engenharia de Materiais. Leciona na Licenciatura em Química desde que ingressou na instituição, há 5 anos. Ela explica que o seu código de vaga de entrada na instituição era para vaga específica de Química Inorgânica, então ela ministrou as disciplinas de Química Inorgânica Descritiva e de Química Inorgânica de Coordenação e, segundo ela foi mais além, ministrou Química Analítica Quantitativa e Qualitativa, Química Experimental, Química Ambiental e as disciplinas da grade optativa, como Tecnologia em Produtos Sanitários e Química dos Biocombustíveis.

Sobre a escolha pelo magistério e pelo curso de Química ela explica que foi por afinidade, como explica,

[...] é a questão da... do magistério em si né... foi a afinidade na verdade pela disciplina de química [...] e aí eu tinha expectativa de tentar fazer a ... o bacharelado fazer uma engenharia só que a vida às vezes nos guia pra alguns caminhos e aí é tentei outras opções e uma delas foi a licenciatura que foi o que eu passei no vestibular na época e aí eu comecei a gostar fui desenvolvendo a questão do aprendizado né mesmo sem ter tanta experiência na época que desde quando eu terminei em 2005 a licenciatura tive pouco contato na verdade em sala de aula mais isso me reportou [...] continuar na carreira acadêmica seguir direitinho né e continuar na parte do magistério. (PROFESSORA Li, 2018).

A quinta entrevistada, denominada Professora B, tem 37 anos também é licenciada e bacharel em Química e possui mestrado e doutorado em Química. Ela está no IFRN desde 2015 e todos os semestre atuou na Licenciatura, descreve, “[...] entrei no IF em 2015 e já tinha tido experiência do ensino superior então quando eu cheguei aqui já me colocaram nas disciplinas do curso superior de licenciatura em química”. (PROFESSORA B, 2018).

Quando questionada sobre as disciplinas que já lecionou ela afirmou que gosta de pegar as turmas no início do curso, então ministra as disciplinas de Química Geral I e II, Química Inorgânica Descritiva e Química Inorgânica de Coordenação e as disciplinas optativas de Espectroscopia dos Compostos de Coordenação e Mineralogia.

Ao falar da escolha pelo magistério, ela assume que inicialmente não imaginava ser professora, queria ser pesquisadora, mas afirma que a partir dos estudos com os colegas, despertou para o magistério, como expõe,

[...] quando eu iniciei a universidade assim fui pra química né eu nunca imaginei que eu seria professora de química meu sonho era pesquisar [...] minha intenção era ser pesquisadora porém quando eu cheguei na universidade nas disciplinas sempre eu era aquela aluna que ia pro quadro pra responder lista de exercício pra estudar junto com o grupo era sempre eu que ia [...] nunca tive isso de dizer não vou fazer só pra mim e guardava a lista de exercício não eu era sempre atrevida mesmo de ir pro quadro e todo mundo já combinava **Boro** vamos : marca um dia pra estudar pra prova [...] eu ia pra mim isso era satisfação [...] hoje eu sou bastante satisfeita com essa decisão [...]. (PROFESSORA B, 2018).

A partir da apresentação do perfil e do caminho formativo das entrevistadas percebemos que todas as participantes escolheram a docência de forma um pouco aleatória, as oportunidades fizeram com que se tornassem docentes. A maioria delas tem atuado prioritariamente na licenciatura, então, apesar de serem de disciplinas específicas, têm como função a formação de

outros docentes. Todas elas têm no mínimo mestrado, a maioria já tem doutorado. O que demonstra uma opção pela formação na área acadêmica, que visa ao ensino e à pesquisa.

## VIVÊNCIAS DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE DE TRABALHO.

A partir do quantitativo de docentes do IFRN, em atuação nas disciplinas de química, observa-se a importância de discutir sobre a vivência dessas docentes que atuam na licenciatura em química quanto às suas percepções sobre as relações de gênero na instituição em que trabalham.

O Quadro 3 mostra uma síntese das subcategorias que emergiram do discurso das entrevistadas a partir dos questionamentos que cercam a categoria “Vivências nas relações de gênero no ambiente de trabalho”, para nos auxiliar nas reflexões desta subseção.

Quadro 3 - Síntese das subcategorias

<b>VIVÊNCIA DA RELAÇÃO DE GÊNERO NO AMBIENTE DE TRABALHO</b>
Discriminação e preconceito
Convivência com os pares e superiores
Divisão de disciplinas
Cargos de chefia ou de confiança

Fonte: Elaboração própria em 2018.

Apresentamos a percepção das docentes quanto as suas vivências dentro da instituição em relação com seus pares, superiores e alunos.

### **Discriminação e preconceito.**

Quando questionamos sobre terem sofrido algum tipo de discriminação de gênero, racial, religiosa, dentre outras por parte dos seus pares, superiores ou alunos, três entrevistadas disseram já ter sofrido algum tipo de discriminação, duas afirmaram nunca terem sofrido algum tipo de discriminação na instituição. A professora He foi uma das que afirmou nunca ter sofrido discriminação “[...] por nenhuma parte nem dos meus colegas nem dos meus alunos e nem dos meus superiores não.” (PROFESSORA He, 2018).

A professora B também afirmou nunca ter sofrido nenhum tipo de discriminação dentro da instituição, ela relatou que se sentiu discriminada no início do curso de Química, quando

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

algumas pessoas criticavam dizendo que era um curso muito difícil para ser cursado por uma mulher, mas ela rebatia dizia, “não existe isso de um curso difícil ser **para homem é um absurdo** [...]” (PROFESSORA B, 2018). Mas no seu ambiente de trabalho ela afirma não ter sofrido nenhum tipo de discriminação.

Como professora não [...] nunca tive ninguém que chegou até mim pra dizer nada me discriminando porque eu : sou mulher [...] ensinar uma outra pessoa a ciência não nunca tive seja qualquer outro tipo de discriminação não tive graças a Deus. (PROFESSORA B, 2018).

Por outro lado, as professoras H, Li e Be relataram episódio de discriminação dentro do ambiente de trabalho. O caso mais grave de discriminação relatado foi o da professora H, que expõe um episódio de agressão verbal sofrida por um aluno no campus em que atua levando-a a fazer um Boletim de Ocorrência (BO) na delegacia da cidade e entrar com um processo administrativo contra ele, a professora relatou ainda que, infelizmente, não teve apoio nem da gestão do Campus e muito menos dos colegas de trabalho, conforme observamos na sua fala,

[...] tive uma situação lá no IFRN de um aluno é... um aluno senhor professor já só que ele era professor de experiência não era formado e já era a terceira vez que ele pagava uma disciplina comigo [...] ai ele fez uma final comigo e ai quando ele me entregou a prova eu disse olha tomara que você passe dessa vez eu desejo de coração boa sorte e realmente eu queria [...] ele começou a gritar comigo começou a gritar a dizer que eu não era toda essa cocada que eu achava que eu não era :: dona do mundo enfim fez um escândalo e me ameaçou disse que eu tomasse cuidado na minha vida porque qualquer dia desses poderia acontecer uma coisa muito ruim comigo isso aos berros no corredor no que ele ia dizendo eu fui recolhendo minhas coisas [...] fui recolhendo as coisas e saindo tinha uns outros alunos e todo mundo paralisou e eu sou afrontosa eu fiquei batendo boca com ele e sai e fui imediatamente para a delegacia da cidade fui fazer um BO - **boletim de ocorrência** - quando fui fazer o BO não tinha delegado e o policia disse que isso era besteira que isso era coisa de aluno mesmo e que eu não devia ir atrás disso no dia seguinte eu fui comunicar a direção e aí a direção quis colocar panos quentes não ele tava de cabeça quente você não deve levar em consideração que é a terceira vez que ele paga disciplina ele nunca apresentou comportamento desse tipo e eu não tive apoio de ninguém nem da direção nem dos meus colegas [...]. (PROFESSORA H, 2018).

Ela relatou que abriu um processo administrativo contra o aluno foi suspenso por três dias. Depois, ele teve que fazer uma retratação e não podia estar no mesmo ambiente que ela. Como o aluno não passou na disciplina, ela teve que colocar a prova dele para ser avaliada por uma banca de colegas e assim outro professor teve que lecionar a disciplina para ele novamente. Mas ela se mostra indignada com essa situação, percebemos isso quando ela questiona “[...] será que se fosse algum dos outros professores ele teria gritado? Ele teria afrontado? Não, ele não teria, ele fez isso porque eu era mulher [...]”. (PROFESSORA H, 2018).

O preconceito ocorre, infelizmente, de forma oculta e, apesar de ser considerado crime no país, para que alguém venha a ser punido o ato tem que ser acompanhado de violência explícita.

O que é exposto pela docente vem ao encontro do que Faganello e Dasso Júnior (2009, p. 2542) analisam e descrevem,

[...] a violência contra as mulheres é invisibilizada em nossa sociedade, por um pacto de silêncio que acaba por proteger os agressores, que permanecem impunes e com a ideia de que não serão punidos por seus atos, dando continuidade assim as relações abusivas.

A professora Li, que também relatou discriminação e preconceito por ser mulher, informa que trabalha no mesmo campus que o marido, os dois possuem o mesmo cargo dentro da instituição, a mesma formação e lecionavam as disciplinas de domínio de sua formação, mas ela percebia que os alunos não a procuravam para tirar dúvidas, eles recorriam sempre ao esposo dela que não lecionava a sua disciplina, como explica,

[...] eu sempre senti quando eu trabalhava com ele que existia um olhar diferente para ele do que existia para mim aí pronto eu acredito que isso seja um problema dele ser homem e eu ser mulher porque eu acredito isso porque eu vi outros episódios aconteceram com outras professoras da Instituição [...]”.  
(PROFESSORA Li, 2018).

Ela continua dizendo que essa situação de recorrerem ao esposo dela, para tirarem dúvidas, não era apenas oriunda dos alunos, que ele “era tratado de uma forma diferente de mim [...] e não era só por homens por mulheres também então professoras mulheres recorriam mais ao meu marido [...]”. Percebemos que a discriminação ocorre inclusive entre as colegas do mesmo sexo, quando deveria existir uma união para minimizar essas situações dentro e fora do ambiente de trabalho. Além disso, ela diz, foram oferecidos cargos de coordenação a seu esposo assim que ele chegou ao campus e a ela, que era mais antiga lá, nunca foi oferecido nenhum.

A professora Be, por sua vez, mencionou que os alunos ficam com piadinhas pelo fato dela ainda não ter casado e não ter tido filhos, ficam com brincadeiras que insinuam que o motivo foi ela ter estudado demais, como expõe:

[...] teve um aluno na verdade que ele questionou [...] porque eu terminei duas graduações conseguir ir pro mestrado doutorado fiz um pós Doc. e ele disse ahh por isso que não casou ainda então assim é uma forma preconceituosa não deixa de ser né [...] eu só fiz rir porque às vezes certas respostas ou alguma coisa a pessoa não sabe a vida do outro então às vezes são as oportunidades[...]. (PROFESSORA Be, 2018).

Apesar de a docente não considerar as piadinhas algo de muita importância, ela questiona como os outros, independente de serem alunos ou amigos, podem questionar as escolhas de vida dela.

A partir dos relatos percebe-se a discriminação vivenciada por algumas dessas docentes no cotidiano, infelizmente muitas vezes não são consideradas preconceitos e discriminações, mas atitudes normais, mesmo quando de violência, apenas pelo fato de serem mulheres.

### **Convivência com os pares e superiores.**

Ao analisarmos a percepção das docentes sobre a convivência com os pares, a única que não demonstrou uma boa relação com os pares foi a professora H. Ela explica que por ser a única mulher no grupo de química (há outras duas docentes do curso de licenciatura em química mas são do núcleo pedagógico), muitas vezes precisa tomar a frente dos eventos e atividades para se fazer valer como profissional ou como pessoa e acrescenta que enquanto um deles “[...] se esforça X eu como mulher tenho que me esforçar 2x para poder me valer [...]”. (PROFESSORA H, 2018).

Ela expõe um fato de preconceito que ocorreu com um superior, que acredita ter ocorrido por questões de gênero, como explica,

[...] um determinado diretor quando estava em exercício [...] **o campus** teve um problema na época com o motorista por causa desses cortes do governo ele saiu então disseram: já que você é coordenadora peça uma portaria para você dirigir carro oficial eu disse certo vou fazer isso só que o tempo passou e eu não me organizei e aí quando eu fui pedi foi a diretora oficial que tinha voltado e aí eu fui solicitar todos os outros coordenadores homens têm, essa portaria e a mim foi negada não me explicaram bem porque **só disseram** não porque qualquer coisa você chama um dos meninos é tanto que não tem nenhuma mulher que tem portaria para dirigir carro oficial e eu tinha pedido e a minha **foi** negada eu acho que é...mas ficou nas entrelinhas. (PROFESSORA H, 2018, grifo nosso).

Como a docente acredita, o preconceito vivido por ela é por uma questão de gênero, apesar de ter ficado nas “entrelinhas”, e o que mais nos chamou a atenção é a inversão de dominado e dominador, como descreve Louro (1997, p. 37) “[...] um homem dominante versus uma mulher dominada.”, pois nesta situação percebemos a dominação da mulher sobre outra mulher, pois foi uma diretora que negou a portaria. Na sociedade é “comum” encontramos o homem com o papel de dominador e não a mulher, como é percebido em diversos trabalhos, no entanto, a mulher também é responsável por reproduzir os preconceitos de gênero. (DANIEL,

2011; LOURO, 1997; SILVA, 2012; dentre outros). A reprodução se origina exatamente da falta de consciência crítica em relação à condição feminina e às questões de gênero.

As demais docentes afirmaram que a convivência tanto com os pares como com os superiores é bem tranquila e pautada no diálogo, como expressa a professora He: “[...] sempre existe o diálogo nunca houve nenhuma questão nem uma discussão sobre a questão de eu ser mulher nunca tive nenhum problema de vivência não a convivência é bem tranquila.” (PROFESSORA He, 2018).

A professora Li cita ter alguns problemas de convivência, mas ela acredita que isso não é pelo fato de ser mulher:

[...] as vezes acontece uma coisa ou outra não acho que é pelo fato de eu ser mulher e sim pelo fato da minha personalidade ser uma personalidade mais complicada eu vejo os outros colegas da química eu acho que na minha visão elas tem a relação boa com todo mundo e eu não tenho talvez essa relação boa com todo mundo não acho que é por eu ser mulher terem certos problemas da forma como eu ajo o meu comportamento e não da forma como eu sou vista por ser mulher não sei se isso influencia não sei se eu fosse homem seria diferente. (PROFESSORA Li, 2018).

As professoras Be e B, relataram que a relação delas com seus pares e superiores é bastante tranquila independente da relação de gênero, a professora B acrescenta “[...] nada é perfeito sempre tem alguns conflitos [...] mas até então não tive problema nenhum com colegas é ... alunos não tive problema nenhum.” (PROFESSORA B, 2018).

### **Divisão de disciplinas.**

Ao serem questionadas sobre a divisão de disciplina no *campus* em que atuam, a resposta foi unânime e praticamente a mesma. Todas disseram que ocorrem por afinidade a determinadas disciplinas e todas afirmaram que gostam da forma como é feita. A escolha ocorre da mesma forma, de acordo com as cinco entrevistadas, mesmo de *campi* diferentes, como é explicado pela professora Li,

[...] a gente senta o coordenador ele bota o slide com todas **as disciplinas** que vão ser ofertados naquele semestre o professor que quer aquela disciplina vai dizendo eu quero isso eu quero aquilo e vai sendo exceto **se dois ou mais professores quiserem a mesma disciplina** [...] se coloca as disciplinas e os professores vão pensando aí eu nunca tive na situação de competir por disciplina porque nunca teve uma disciplina que eu quisesse e outra pessoa quisesse. (PROFESSORA Li, 2018).

Essa explicação é completada na fala da professora He,

[...] a gente vai vendo as afinidades que cada um tem por uma determinada disciplina se chega um ponto que dois ou mais docentes têm a mesma afinidade, a um diálogo para poder decidir quem vai ministrar disciplina e acaba que nesse diálogo observa como tá o todo da carga horária daquele docente mas sempre se tem um consenso, nunca é taxado que fulano de tal tem que ficar com aquela disciplina não, é através do diálogo [...]. (PROFESSORA He, 2018).

Todas as docentes entrevistadas compartilham que foram contempladas nas descrições das situações acima. A professora H, apenas deixa explícito que mesmo que não esteja presente na reunião de divisão das disciplinas se tiver alguma disciplina relacionada à química orgânica automaticamente passa a fazer parte da carga horária dela.

Todas as entrevistadas deixam claro que nunca sentiram que determinadas disciplinas foram direcionadas a elas por questões de gênero.

### **Cargos de chefia e de confiança.**

Pautada nas relações de gênero existe até hoje a ideia de que há cargos e trabalhos que são específicos para homens e para mulheres, se propaga a ideia de que existem papéis e ambientes que são considerados femininos e masculinos. (DANIEL, 2011). Com base nessa discussão, nesta subcategoria as entrevistadas falaram sobre os cargos de confiança que assumiram ou não e sobre a presença de mulheres em cargos de alta hierarquia na instituição.

Quando perguntamos se já exerceram algum cargo de confiança na instituição, apenas as professoras H e He responderam de forma positiva. As demais disseram que na instituição ainda não tinham exercido a função de chefia.

A professora H foi coordenadora do curso de Licenciatura em Química no período de 2014 a 2016 e desde 2016 é Coordenadora de Pesquisa do Campus em que atua. A mesma relatou passar por muitas dificuldades na coordenação de pesquisa, uma vez que, segundo ela, precisa cobrar cotidianamente aos coordenadores de projetos a atualização do andamento dos projetos no Suap e muitas vezes não é levada a sério pelos colegas, como comenta a situação,

[...] uma coordenação que é muito [...] fadigosa que causa fadiga porque você se indispõe com os seus colegas [...] a gente monitora os projetos de pesquisa e aí tudo fica registrado no SUAP [...] as vezes esse monitoramento é muito desgastante porque você chegar para um colega de trabalho e fazer uma cobrança olha fulano alimente o suap tá faltando isso tá faltando aquilo e quando você é mulher fazer essa cobrança é 2x mais difícil porque a maioria desses projetos são coordenados por homens e quando você vai fazer a cobrança e aí essa cobrança pode ser presencial ela poder ser por email né... então chama **o coordenador do projeto** na sala mostra e nada é coletivo então você percebe um “tá bom” “tá entendi sei que tenho que fazer isso” “depois

eu faço” você percebe a falta de atenção e quando esse negócio se torna repetitivo se torna pessoal [...] o que eu sinto mais é isso talvez se fosse um homem cobrando de outro homem tivesse um pouco mais de não vou dizer de respeito mas de confiança de um para outro é tanto que o coordenador anterior ele tinha menos dificuldades nas cobranças desses projetos que era homem comigo eu tenho que tá mês a mês pedindo a uma pessoa que faça aquilo que ele já se propões a fazer inclusive documentalmente isso é enfadonho : cansa e como eu disse se torna pessoal eu acho que na figura masculina para isso impõe um certo respeito. (PROFESSORA H, 2018, grifo nosso).

Percebe-se na fala da docente a dificuldade enfrentada, pela discriminação de gênero, quando ao ocupar um cargo de chefia e tendo que liderar, em maior parte, um público masculino. Sobre isso, Andrade (2016, p. 34), no estudo técnico da Câmara de Deputados, afirma “No caso da mulher, a discriminação de gênero, que decorre da própria condição feminina, é talvez a mais evidente barreira discriminatória.”. O fato de ser mulher já gera discriminação e ao assumir posto de hierarquia causa desconforto e segregação, em alguns homens, mesmo que essa discriminação não seja explícita, ela se dá na forma de tratamento, de respeito que os homens assumem quando uma mulher está na chefia.

Já a professora He nos conta que foi coordenadora do Curso de Licenciatura em Química, no período de 2015 a 2017. Ela disse não ter tido nenhuma dificuldade em relação ao fato de ser mulher, “na realidade eu acho que os desafios que eu tive que enfrentar seriam afetados não pela questão de gênero mas pela questão de ocupar aquele cargo [...]” (PROFESSORA He, 2018). A docente acredita que independe das questões de gênero, os cargos de chefia já trazem desafios próprios e que não sentiu desconforto ao assumir o posto de coordenadora, pelo fato de ser mulher.

As demais docentes disseram nunca ter assumido cargos de gestão, as professoras Be e B assumiram durante 1 ano a coordenação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), mas como expõe a professora Be, e contempla a professora B na sua fala, foi “[...] coordenadora no caso do PIBID mais alguma coordenação específica dentro do campus não.” (PROFESSORA Be, 2018).

A professora Li afirma que não deseja cargos de gestão ou de confiança dentro da instituição, como pode ser percebido em sua fala, por questões de gênero,

[...] porque eu acho que a situação da mulher gestora dentro do IF - não é a [...] mesma situação do homem gestor não é a sensação coletiva das pessoas a forma como as pessoas falam da mulher não é a mesma forma que as pessoas falam do homem nos bastidores das fofocas eu vejo se tratar a mulher diferentemente então se eu quisesse uma gestão eu ainda ia ... refletir muito mas eu não quero não acho que eu estou para isso. (PROFESSORA Li, 20018).

Fica explícito na fala da professora Li o quanto a mulher em cargos hierarquicamente mais elevados são discriminadas e não é dado o mérito necessário. Faganello e Dasso Júnior (2009) afirmam que apesar dos esforços e conquistas, as mulheres ainda não conseguiram posições de igualdade com os homens.

O que se percebe na fala da maioria das entrevistadas é que, mesmo não percebendo explicitamente o preconceito, elas compreendem o quanto é mais difícil para a mulher se impor em um meio predominantemente masculino, tanto que a professora Li prefere nem assumir um cargo de gestão.

Ainda nesse contexto de cargos de confiança e de gestão, questionamos se, na percepção delas, existem poucas ou muitas mulheres ocupando cargos de alta hierarquia no IFRN. As respostas tiveram contextos diferentes, mas no geral as cinco entrevistadas nos levaram a entender que dentro do IFRN são poucas as mulheres que assumem cargos de alta hierarquia, como acrescenta a professora He (2018), “Conheço algumas mulheres que têm cargos elevados no IFRN e se a gente for parar para pensar no número comparativo é bem inferior ao dos homens.” (PROFESSORA He, 2018).

Silva (2010, p. 99) descreve que o número de homens que ocupam cargos de chefia e de decisões são superiores aos de mulheres e “Paradoxalmente, associam-se às mulheres tarefas profissionais menos desgastantes em termos físicos e dificulta-se-lhes o acesso a cargos de poder pela exigência social de cumprirem as tarefas de educar filhos/ as e cuidar da família.”

A professora Be, acredita ser desproporcional o quantitativo entre mulheres e homens nesses cargos, mas assim como a professora H, ela se mostra otimista em relação à presença feminina, pois de acordo com ela “[...] tá mudando já : tá aumentando consideravelmente [...]” (PROFESSORA Be, 2018). Acrescenta ainda que “[...] a mulher ela tem capacidade de assumir qualquer cargo” (PROFESSORA Be, 2018), mas acredita que “Talvez ainda se tenha um pouco de preconceito em relação a isso [...]”. Corroborando esse posicionamento, a professora B acrescenta que “[...] não acho que seja pelo fato da mulher não ter capacidade [...].” (PROFESSORA B, 2018). E nos confidencia que não assumiu uma coordenação, nesse momento, por motivos pessoais.

[...] porque o momento que eu vivo pessoal não me permite porque é trabalhar com a qualidade que eu quero trabalhar então no dia que eu assumir a coordenação é porque eu estou é preparada eu estarei é: com a cabeça pronta pra assumir uma coordenação mais é o fato é que porque ninguém sabia da minha situação pessoal [...]. (PROFESSORA B, 2018).

Em contraste ao exposto pelas docentes He, Be e B a professora H, afirma que no *campus* em que atua a presença feminina nos cargos mais altos é bem superior à dos homens, mas na reitoria, por exemplo, ela acredita que os postos mais altos são de homens e as mulheres ficam mais na função de assessoria, o que segundo ela é positivo, porque a presença feminina vem crescendo, assim explica que,

[...] na reitoria eu vejo que tem muito homem em cargo de chefia e muita mulher assessorando então mulher sempre mais embaixo como sub e ela assessorando os homens mas mesmo assim eu ainda vejo como uma participação significativa não é algo assim perdida acho que vem crescendo não sei a impressão que tenho é essa que numericamente [...] sim que vem crescendo e... mulheres cada vez se mostra mais forte dentro da instituição mas fortes capazes e isso tende a ser uma crescente pelo menos é o que eu espero. (PROFESSORA H, 2018).

A professora Li diz não saber exatamente o porquê de a instituição apresentar poucas mulheres em cargos de gestão, e faz a seguinte reflexão,

[...]a gente elege pouca mulher de gestão talvez **porque** pouca mulher se candidate a última eleição para reitor a gente não teve nenhuma candidata a gente só teve candidatos homens na eleição para DG no meu campus candidatos homens talvez tenham poucas candidatas mulheres para DG e para reitor e conseqüentemente [...]o reitor vai escolher os pro reitores [...]pela proximidade talvez a proximidade sejam **com** homem pessoas que ele conhece que trabalhem bem normalmente seja pessoas mais próximas a ele talvez sejam homens não saberia te dizer mas o fato da gente não ter **candidatas mulheres** na eleição já é um problema grave[...]. (PROFESSORA Li, 2018, grifo nosso).

Sobre os critérios de escolhas de pró-reitores e de cargos de confiança, a professora H diz, “[...] eu não sei dizer [...] qual seria um critério para que aquilo acontecesse né porque não mais mulheres do que os homens será que as mulheres também não seriam capacitadas para poder assumir aqueles cargos [...]” (PROFESSORA He, 2018).

Analisa-se que as docentes, demonstram confiança e acreditam que está crescendo o número de mulheres que assumem cargos elevados na instituição. Mas, infelizmente é nítido que o preconceito e a discriminação de gênero nos cargos de chefia ainda é grande, a autora Saavedra (2015, p. 263) nos descreve uma situação que confirma essa discriminação, ela afirma que os homens, quando se inserem em ambientes considerados “femininos”, conseguem assumir rapidamente cargos mais altos, subir na carreira e ocupar mais lugares de chefia, seja no mundo empresarial, seja no mundo acadêmico. Assim, para as mulheres, se não há reivindicação, luta ou cotas, sempre restam os lugares hierarquicamente inferiores, nunca os de chefia.

No relatório de monitoramento global da educação, elaborado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no ano de 2018, é apresentado que

Mais de 75 países estabeleceram políticas de cotas para garantir que mais mulheres assumam papéis de liderança (O'Brien; Rickne, 2016). Os pioneiros incluem Uganda, que em 1989 determinou que 18% dos assentos no parlamento deviam ser reservados a mulheres, e Argentina, que em 1991 exigiu que 30% das nomeações dos partidos fossem mulheres (Hughes et al., 2015).” (UNESCO, 2018, p. 24).

Isso mostra que a luta para que mulheres possam assumir lugares elevados seja nas instituições de ensino, na política ou em cargos executivos é mundial e que o IFRN reflete essa realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho apresentamos as percepções das docentes mulheres, do eixo específico da licenciatura em Química de três *campi* do IFRN. Depreendemos que as docentes entrevistadas já passaram por alguma situação em que sofreram discriminação de gênero ou preconceito pelos pares, alunos ou superiores, que elas têm consciência das conquistas já alcançadas pelas mulheres e que, mesmo quando não totalmente conscientes das questões sociais relacionadas a essas diferenças entre os gêneros, se mostraram abertas a refletir e a atuar no sentido de mudar a realidade dessa desigualdade.

A professora H foi a entrevistada que mais demonstrou ter sofrido discriminação no *campus* em que atua e ao mesmo tempo percebemos que é o *campus* que possui o maior número de mulheres em cargos de alta hierarquia, dentre os *campi* pesquisados, o que reforça a discriminação pelo mesmo sexo, o oprimido agindo como opressor.

Constatamos ainda que, sob a perspectiva das entrevistadas, são poucas as mulheres que possuem cargos de alta hierarquia no IFRN, o que também reflete uma realidade que é de toda a sociedade e que, muitas vezes, não é percebida como um preconceito ou um reflexo da desigualdade entre os gêneros.

Concluimos esse trabalho apontando a urgente necessidade de uma educação e formação pautadas na equidade entre os gêneros, assim como a necessidade de mais pesquisas na área de gênero na educação profissional.

Enfim, esta pesquisa mostrou que ainda há muito a ser pesquisado sobre as relações de gênero no ensino superior e na educação profissional. Portanto, entendemos que é preciso continuar a

empenhar esforços no sentido de ampliar as análises e reflexões sobre os motivos que fazem certas carreiras serem classificadas como carreiras masculinas ou femininas e como isso pode mudar.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: Fatos e Mitos** (S. Milliet, Trad.). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. Tradução de: Renato Aguiar.
- DANIEL, Camila. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, n. 25/26, p. 323-344, 2011.
- FAGANELLO, Cláucia Piccoli; DASSO JÚNIOR, Aragon Érico. Discriminação de Gênero: Uma perspectiva histórica. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA PUCRS, 10, 2009, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2009. p. 2542-2549.
- LARA, Luiz Fernando, CAMPOS, Elaine Aparecida Regiani de, STEFANO, Silvio Roberto, ANDRADES, Sandra Mara de. Relações de gênero na polícia militar: narrativas de mulheres policiais. **HOLOS**, v. 04, p. 56-77, 2017.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e poder**. In: LOURO, G.L. Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MINAYO, Maria Cecília S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MORAES, Roque. **Uma Tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. Ciência & Educação, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2º ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016.
- RESENDE, Stella. Uma questão de gênero: Mulheres, Forças Armadas e Operações de Paz. **Cadernos de relações internacionais**, v.11, n. 2, p. 76-95, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32188/32188.PDFXXvmi=>. Acesso em: 28 set. 2018.
- SILVA, Carla da. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. **Revista Direito em Foco**. [S.l.] 5. ed., p. 1-9, 2012. Disponível em: [http://unifia.edu.br/revista\\_eletronica/revistas/direito\\_foco/artigos/ano2012/desigualdade\\_imposta.pdf](http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2012/desigualdade_imposta.pdf). Acesso em: 22 mar 2018.
- UNESCO, **Relatório de monitoramento global da educação 2018: relatório conciso de gênero; cumprir nossos compromissos com a igualdade de gênero**. Brasília, DF: UNESCO, 2018.
- YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.